

## **Televiso: telejornalismo e reality show<sup>1</sup>**

Thiago FRISON<sup>2</sup>

Yashmin Martins Barbosa de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Cristina Ramos da Silva RIBEIRO<sup>4</sup>

Oswaldo Ribeiro da SILVA<sup>5</sup>

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS

### **RESUMO**

O Televiso é uma produção telejornalística que converge os formatos telejornal ao vivo e *reality show*. Nesse sentido, ele inova por ir mais além da simples apresentação do jornalístico, mas também revelando o que acontece nos bastidores e, hipertextualmente, acrescentando informações que esclarecem ao telespectador as rotinas e práticas do telejornalismo, em especial o laboratorial. Os estudantes são acompanhados pedagogicamente e divididos nas funções de produção, reportagem, apresentação e edição. Com a experiência do *deal-line* e do ao vivo, os acadêmicos tem experiência aproximada, senão idêntica, ao da praticada no mercado.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; ao vivo; reality show

### **1 INTRODUÇÃO**

O Televiso é uma produção dos estudantes da disciplina de telejornalismo do 7<sup>a</sup> semestre do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Católica Dom Bosco. Ela se diferencia dos demais produtos do gênero, pois busca misturar o formato telejornal com o *reality show*. O conteúdo é veiculado na TV Universitária – canal 14 da Net Campo Grande/MS.

Partindo da definição de Rezende (2009), sobre as categorias do telejornalismo, o Televiso pode ser considerado um telejornal. “Distingue-se por características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes - *hard news*. As emissoras qualificam como telejornais, os noticiários, segmentados ou não, em vários formatos” (REZENDE, 2009, p. 7).

O modelo do Televiso, com base em Machado (2001), é o polifônico, onde os apresentadores são meros condutores, uma figura impessoal e que não parece expressar

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7<sup>o</sup>. Semestre do Curso de Jornalismo da UCDB, email: thiagofrison@outlook.com.

<sup>3</sup> Estudante do 7<sup>o</sup>. Semestre do Curso de Jornalismo da UCDB, email: yashminmccartney@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UCDB, email: cristinaramos@globo.com.

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UCDB, email: oswaldoribeiro@ucdb.br.

opinião própria, cuja função está mais presa a ler as notícias e dar espaço aos repórteres. Evitam sempre, apresentadores ou repórteres, o uso de pronomes da primeira pessoa em seus discursos. “O enunciado televisual neste caso se constrói dentro de um discurso indireto: o apresentador chama o repórter, que por sua vez chama o entrevistado e assim vamos encaixando uma voz dentro da outra, como no recurso linguístico das citações” (MACHADO, 2001, p. 108).

O *reality show* é uma nova combinação de representação, enredo e imagem. É uma forma de expressão da sociedade do espetáculo de Debord (2003), no qual rotinas e aspectos até então vistos como atividades comuns podem se tornar produtos midiáticos disponíveis para consumo da massa.

Desde a Antigüidade, temos notícia da necessidade de o ser humano representar seus dramas pessoais, suas vicissitudes existenciais ou, simplesmente, os fatos comuns do seu cotidiano. O teatro grego foi, por excelência, a manifestação máxima de tal necessidade, conduzindo a encenação das famosas tragédias que, até os dias de hoje, são admiradas por milhares de espectadores (Bertheld, 2000; Brandão, 2001 *apud* Millan, 2006, p. 191).

Os *reality* são formados por uma trama cheia de personagens. Na narrativa os personagens se desenvolvem, mantendo a atenção da audiência. Mesmo tendo a sensação de trama, o aspecto que torna o *reality* mais atrativo é o fato de os personagens existirem de fato (MILLAN, 2006). E é isso que torna o Televivo um produto muito mais interessante que um telejornal convencional: com a exibição do bastidor, o espectador se envolve com a produção e o clima durante a gravação do mesmo. É possível que experimente um pouco do nervosismo dos estudantes ou, ao menos, conheça o trabalho por trás das câmeras.

## **2 OBJETIVO**

O Televivo busca vivenciar aos estudantes de Jornalismo, mais especificamente da disciplina de Telejornalismo, que ocorre no sétimo semestre, as rotinas e práticas de um telejornal, sempre aliadas a teoria. Também se objetiva a experimentação de novos formatos, já que dois modelos (o *reality show* e o telejornal) se convergiram, originando o Televivo.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O Televivo conta, antes de tudo, com um grande potencial de aliar o ensino prático com as teorias do campo telejornalístico. Ele é uma importante ferramenta pedagógica, pois ali o

estudante participa de todas as etapas da produção de um telejornal, tendo a possibilidade de refletir a qualquer momento sobre os conteúdos.

Normalmente, os exercícios em telejornalismo, bem como os telejornais das grandes empresas de comunicação, são exibidos editados. Todo o processo de produção do telejornal é eliminado do fluxo de exibição. No Televivo, a ideia é mostrar o exercício completo com bastidores anteriores ao início da produção, a exibição e os bastidores dela, bem como o encerramento e a equipe responsável por todo o programa.

Desta forma, o Televivo aproxima os responsáveis pela produção daqueles que estão assistindo a todo o exercício de aprendizagem do acadêmico na disciplina de Telejornalismo. A estrutura do Televivo também dá oportunidade ao acadêmico de visualizar todos os detalhes da realização do produto, momento em que identifica os pontos positivos e negativos da produção.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O meio televisivo conta, se comparado ao rádio, com uma importante ferramenta para o jornalismo: a imagem. Apesar de por vezes ser limitada, ela pode fixar na mente do telespectador muito mais do que a mensagem em si.

Mas se o rádio consegue dar a notícia “em primeira mão”, não há dúvida de que a TV surge com a sua arma poderosa e infalível: a informação visual, a imagem em movimento. Se alguém ouve no rádio uma notícia de grande impacto, logo depois liga TV, em busca de mais informações. Mas, principalmente, atrás de algo que nenhum outro veículo pode fornecer: a mensagem sonora aliada à mensagem visual (PATERNOSTRO, 1999, p.63).

O telejornalismo tem a tendência de ser mais breve, por conta das necessidades comerciais do veículo. O que anula esse efeito de superficialidade, e que foi parte do treinamento do Televivo, é a imagem.

Apesar da relevância da imagem no telejornalismo (PATERNOSTRO, 1999), o texto também é parte fundamental na compreensão do conteúdo. O texto a que referimos é o também chamado *off*, que é o texto gravado pelo repórter da matéria e que é editado junto com as imagens capturadas em campo. Ele dá ritmo à mensagem, o que favorece quem está na frente da televisão. A TV é dominada por frases curtas, que dá impressão de ação à notícia – mesmo se trabalhadas em reportagens atemporais, como ocorre no Televivo. As

técnicas de redação (cuidado com pontuação, por exemplo), também ajudam no embalo do texto.

Em jornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem, e não brigar com ela (PATERNOSTRO, 1999, p. 72).

O acompanhamento pedagógico na construção desses textos evitou uma construção de forma precária, com o cuidado que eles fossem simples e bem construídos.

É importante ter cuidado: a utilização dos critérios de simplicidade e clareza para o texto de televisão não é uma defesa do texto vulgar, do texto pobre. O que o veículo televisão exige é o texto coloquial, com palavras bem escolhidas, usadas de maneira adequada e no ritmo certo. E essas condições não excluem a possibilidade de construção de um texto estilisticamente bem montado (MACIEL, 1995, p 33).

Com base no que apontou Paternostro (1999), esses textos foram produzidos de acordo com o que se tinha de imagem, raramente foram descritivos. A ausência de imagens aliada a alguma informação que o texto necessita transmitir, levaram a produção de elementos visuais, como gráficos e simulações. O texto pode valorizar a imagem, e a ausência dele, deixar que a emoção dela fale por si.

A reportagem, um dos gêneros do Televiso, é a maneira mais completa de apresentação da notícia na TV. Existe a presença de texto, imagens, presença do apresentador do telejornal, do repórter e de entrevistados (MACIEL, 1995). Rezende (2009) aponta ainda a possibilidade da produção de matérias atemporais – uma necessidade para o Televiso, já que, mesmo sendo gravado como se fosse ao vivo, somente será veiculado na TV Universitária dias depois. São as chamadas reportagens *feature*.

É a forma mais longa de apresentação da notícia na TV. Maciel (1995) enumera cinco partes básicas de uma reportagem, que são comuns na televisão brasileira e que nortearam o Televiso (mas não impedindo a experimentação de novos formatos e construção de narrativa nos laboratórios). São as cinco partes:

*Cabeça:* É a apresentação da notícia. Lida pelo âncora do telejornal, equivale ao lead dos jornais impressos, contando o que aconteceu.

*Off:* É o texto gravado pelo repórter sobre as imagens capturadas que serão usadas na reportagem. Serve de suporte às imagens e deve estar em harmonia com esta.

*Boletim ou passagem:* É a aparição do repórter na reportagem. Pode ser de abertura, de passagem ou de encerramento. É utilizado também para transmitir informações que não podem ser cobertas por imagem ou para conduzir a narrativa, apontando detalhes importantes da reportagem ao telespectador.

*Sonora:* São as entrevistas. Ouve-se todas as partes envolvidas, dando a oportunidade a elas de darem sua opinião ou defesa.

*Pé:* Texto curto a ser narrado pelo apresentador do telejornal ao fim da reportagem. Além de fechar a reportagem, dá informações complementares ao que se viu.

Dessa forma, constrói-se uma narrativa clássica, como Machado (2001) aponta: o repórter em frente à câmera– que entra após os âncoras, diante do *teleprompter*, convocarem a sua participação - fala diante dos acontecimentos elementos gráficos e textos que entram na tela complementam a informação.

Produziram-se para o Televivo outros conteúdos que se encaixam nos formatos de Jornalismo Informativo descritos por Rezende (2009). Além do formato *Reportagem*, a *Nota* é o relato mais simples e rápido de um fato. São informações obtidas por releases que informam de maneira ágil o que está prestes a acontecer ou algo que já aconteceu.

A nota simples ou nota ao vivo é a “forma mais simples de apresentação de uma notícia na televisão”, o apresentador ou locutor apenas lê, em quadro, o texto preparado pelo editor de notícias. O fato de ser a forma mais simples não reduz a importância da nota ao vivo em relação a outros formatos (REZENDE, 2009, p.10).

A *Entrevista* é a conversa entre jornalista e entrevistado sobre um assunto tratado durante o telejornal ou que é destaque no momento. Tem “o objetivo de extrair informações, idéias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ ou de aspectos da vida pessoal do entrevistado” (REZENDE, 2009, p.11).

Toda a narrativa do Televivo, no entanto, é complementada com uma característica comumente associada ao Jornalismo na internet: a hipertextualidade. Como afirma Palacios (2003), hipertexto seria a possibilidade de ligar textos a outros textos a partir de caminhos (na internet, os *links*). No vídeo não existem os *links*, porém, além da linguagem hipertextual clássica da narrativa do telejornalismo, em que saltam na tela nomes, ocupações e gráficos, vídeos e textos que complementam não a informação dos *vetês*, mas a experiência dos estudantes diante dos desafios e os bastidores de um produto telejornalístico, tanto em vídeo como em texto.

Essas experiências e outras informações relatadas hipertextualmente dão a característica de show de realidade ao Televivo. Um dos grandes diferenciais do telejornal, é que mesmo enquanto o público assiste a uma reportagem, ele também confere os bastidores do estudo do Televivo, já que câmeras monitoram durante todo o período de gravação a movimentação dos estudantes de Jornalismo.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Os estudantes, antes de tudo, são divididos pelos docentes em quatro funções, que serão desempenhadas durante o Televivo com supervisão pedagógica. São elas, de acordo com Barbeiro e Lima (2002):

*Produção:* equipe responsável pelas condições materiais e por toda a produção de conteúdo do telejornal. Faz a ponte entre os jornalistas, os personagens e até a equipe técnica. O produtor se preocupa com a preparação e a execução dos conteúdos.

*Reportagem:* são os estudantes que vão executar as pautas determinadas pela equipe de produção. Tem o compromisso com a notícia, devem sempre buscar pela verdade e nortear a investigação e a produção dos conteúdos pela isenção.

*Apresentação:* É o rosto que se torna mais conhecido no telejornal. Acompanha e participa da construção dos conteúdos em todas as etapas. São aqueles que vão anunciar os conteúdos ou serem entrevistadores.

*Edição:* De fundamental importância, é a função que vai receber todo o material que foi trabalhado pela equipe. Deve reduzir a complicação do real, tornando os acontecimentos de fácil entendimento para a audiência. São eles que, além da “formatação” de todo o material escrevem as cabeças e os pés das matérias, compondo o script do telejornal e a finalização, com a edição do espelho.

Após a divisão, os estudantes se reúnem durante a aula da disciplina para realizarem a reunião de pauta. Com todos os acadêmicos cientes de suas funções no Televivo, começam a imaginar pautas e discutir as possibilidades para a produção de cada sugestão. Durante o período estabelecido pelos professores em calendário, os estudantes dispõem da equipe do Laboratório de Comunicação da UCDB para a produção de matérias, preparam entrevistar para o dia da gravação do Televivo e editam o material.

Os docentes estabelecem o horário para início de gravação do Televivo. Neste momento, os estudantes se certificam da presença de todos os entrevistados, das cópias de scripts para apresentadores e apoio técnico, da consistência digital das reportagens a serem exibidas e

outros detalhes. Com tudo finalizado, é iniciada a gravação do Televivo, como se estivesse sendo transmitido ao vivo.

“A transmissão ao vivo talvez seja, dentre todas as possibilidades de televisão, aquela que marca mais profundamente a experiência desse meio” (MACHADO, 2001, p. 125). Tal experiência, apesar de ser um *falso vivo*, vai muito além da gravação de um produto laboratorial. Dessa forma, o Televivo, mesmo didático e com suporte pedagógico, consegue dar a sensação aos estudantes da rotina de um telejornal ao vivo.

Toda a experiência fica próxima do que Machado (2001) descreve para a televisão ao vivo, bem como as características que marcam esse tipo de produção e, conseqüentemente, o Televivo.

Na televisão ao vivo, tudo aquilo que era considerado excesso para a produção audiovisual anterior se converte em elemento formador, impregnando o produto final das marcas da incompletude, da indomesticabilidade e, num certo sentido, da bruteza, que constituem algumas de suas características mais interessantes (MACHADO, 2001, p. 131).

Como toda produção ao vivo, esses erros podem surgir a qualquer momento. É uma fatalidade da transmissão ao vivo. Como afirma Machado (2001), o “remendo” precisa ser corrigido ainda no próprio ato de emissão. Os estudantes, durante a gravação do Televivo, ficam atentos a todas as possíveis falhas que podem ocorrer. Uma falha do âncora na leitura do *teleprompter* ou uma informação incorreta em uma reportagem pode ser corrigida, pelos acadêmicos, ainda durante o fluxo do *reality* jornal.

As câmeras do reality ficam filmando o durante todo o tempo a experiência dos estudantes. O material do show de realidade é visto após a edição final do Televivo. Na aula seguinte ao da gravação, os estudantes gravam depoimentos, relatando as percepções que tiveram acerca de suas funções durante todo o processo de construção do Televivo.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Convém lembrar que a experimentação de formatos e a preocupação com a prática aliada à teoria sempre foi uma prática do curso de Jornalismo da UCDB, seja nos formatos impresso, em rádio ou vídeo. O Televivo segue essa linha de produção do curso da Católica, com a convergência de formatos. Não apenas praticar o que o mercado de trabalho impõe, mas também modelos “pouco convencionais”.

No processo de produção laboratorial, os acadêmicos, diante de diversas temáticas, como a ambiental e a cultural, compreendem e treinam a rotina jornalística bem como o relacionamento com as fontes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>; Acesso em 20 de Abr. de 2013.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.
- MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1995.
- MILLAN, Marília Pereira Bueno. **Reality Shows - uma Abordagem Psicosocial**. In Psicologia: Ciência e Profissão: Conselho Federal de Psicologia, 2006. P. 190-197. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v26n2/v26n2a03.pdf>>. Acesso em 20 Fev. 2015.
- PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória** in MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), Modelos do Jornalismo Digital, Salvador: Editora Calandra, 2003
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- REZENDE, Guilherme Jorge. **Gêneros e formatos Jornalísticos na Televisão Brasileira**. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba, PR. P. 1-16. Disponível em <http://www.siid.ucdb.br/docentes/downloads.php?Dir=arquivos&File=228852.pdf>. Acesso em 20 de Fev. de 2015.